

Correio Sindical Mercosul

Servico de Notícias -n.50

16 de outubro de 2000

FLASH



Se o Banespa for privatizado metade dos funcionários poderá ser demitida

O vice-presidente de um dos bancos estrangeiros pré-qualificados para o leilão disse à Folha de SP que deverá aproveitar apenas 10 mil dos 21 mil empregados do Banespa, caso compre a instituição. As estimativas de demissão de dois analistas do setor bancário são próximas a esse número. Os três têm projeções semelhantes sobre os gastos que seriam gerados pelos cortes: algo entre R\$ 500 milhões e R\$ 1 bilhão.

Pelo histórico das primeiras privatizações de bancos estaduais, não faltam motivos de preocupação para os funcionários do Banespa.

Segundo o Sindicato dos Bancários de São Paulo em 1995, o Banerj (o ex-banco estadual do Rio) operava com 11.529 funcionários, ao final de um longo processo de privatização, tendo sido comprado pelo Itaú, Havia sofrido uma redução 76% dos empregados. No Bemge, também comprado pelo Itaú, ao final de 1996, a redução havia sido de 78% de seus funcionários.

O executivo que falou à Folha de SP afirmou que aproveitaria 10 mil funcionários do Banespa devido aos planos de expansão do banco no Brasil. Mas, em sua opinião, no caso de um dos grandes nacionais vencer o leilão, a sangria seria maior. Poderiam absorver grande parte dos clientes do Banespa utilizando a estrutura de que já dispõe e operar com apenas 4.000 funcionários. (FSP, 15/10/00) (www.sindicatomecosul.com.br)

Fórum Social Mundial

Porto Alegre - 25 a 30/01/ 2001

<http://www.forumsocialmundial.org.br/>

é só clicar ➡ **Índice**

Movimento Sindical e Trabalho

Mercosul

Empresas e Setores

Relações Externas

Notas e Correspondências

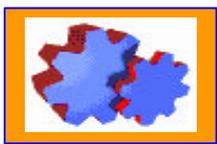
CORREIO SINDICAL MERCOSUL

É parte do projeto Mercosul entre a CCSCS, SPIs, ORIT/CIOSL e FFE.

Ma. Silvia Portella de Castro - coord.
Daniel Campos - Argentina
Antonio Carlos P. Castro - Brasil
Antonio Pecci - Paraguay
Patricia Bouzas - Uruguay

✉ cesint@uol.com.br

<http://www.sindicatomecosul.com.br/>



MOVIMIENTO SINDICAL E TRABALHO

Trabajadores de prensa crean Coordinación a nivel Mercosur

Los gremios de trabajadores de prensa del Mercosur más Chile, reunidos en Asunción el 12 y 13 de octubre pasado procedieron a crear una coordinadora a nivel regional con lo que pretenden establecer una instancia supranacional de acción conjunta para activar mecanismos de solidaridad, intercambio de informaciones, defender intereses del sector y enfrentar los desafíos de la integración. Convocados por la Coordinadora de Centrales Sindicales del Cono Sur y con el apoyo del Centro de Solidaridad de la AFL-CIO, representantes de los gremios de Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay dieron a conocer también la Declaración de Asunción donde se recogen las preocupaciones en materia laboral, profesional, sindical y de libertad de expresión. Las tareas de coordinación del nuevo organismo regional estarán a cargo del gremio de los periodistas paraguayos hasta la cumbre sindical de Florianópolis en diciembre próximo. (*ABC, Última Hora y Noticias 11-12 y 13/10/00*).

Canavieiros de Pernambuco entram em greve

Os trabalhadores da palha da cana liderados pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco (Fetape) entraram em greve hoje pela manhã, após três rodadas de negociações. A rodada de ontem (9/10) terminou às 23h, sem que patrões e empregados chegassem a um acordo.

Uma nova rodada de negociações será realizada às 15h de hoje, na Delegacia Regional do Trabalho de Recife, mas a greve será mantida.

O principal ponto de discordância ficou mesmo no salário. Os trabalhadores querem um salário de R\$ 250,00, e os patrões oferecem R\$ 180,00 – um reajuste de apenas 1,5%.

A Fetape e os sindicatos da zona da mata pernambucana divulgam, no final da tarde, um balanço da greve, mas garantem que a mobilização é muito forte, com adesão de mais de 70% em alguns municípios. (*Agência CUT, 10.10.00*)

Paro y movilización de la CGT rebelde

El titular de la CGT disidente, Hugo Moyano, cargó duramente contra el Gobierno y contra el ex vicepresidente Carlos Alvarez y adelantó como una amenaza los próximos pasos del movimiento que conduce: "Que se vayan acostumbrando a las marchas y a los paros", destacó.

La frase fue uno de los puntos más fuertes de la participación de Moyano en la movilización a Plaza de Mayo convocada ayer por la central sindical rebelde para protestar contra el modelo económico.

"Todo el Gobierno es responsable del vacío de poder y de esta falta de conducción", cargó el líder del sindicato de los camioneros, a la vez que acusó a Alvarez de "falta de ética" por haber apoyado "la reforma laboral, el recorte salarial y el impuestazo".

Entre los manifestantes hubo militantes justicialistas de municipios del conurbano que responden al gobernador Carlos Ruckauf, aunque el apoyo del mandatario bonaerense fue menor al que se esperaba en la cúpula sindical.

La central obrera había analizado anunciar durante la marcha una medida de fuerza para el mes próximo, pero a último momento se prefirió esperar, según fuentes sindicales.

Los informantes señalaron que esa posibilidad (convocar a un paro nacional o a un apagón) se anunciará después de que los principales dirigentes de la CGT disidente se reúnan con la Ministra de Trabajo, Patricia Bullrich, la semana próxima. (*La Nación, 12-10*).

Petroleiros entram em estado de greve

Os 20 sindicatos afiliados à Federação Única dos Petroleiros (FUP), que reúne os funcionários da Petrobras, decidiram ontem declarar estado de greve, na espera de uma nova proposta salarial da direção da estatal. Os petroleiros não aceitaram a contraproposta da empresa relativa a reajustes de salário e aumentos por produtividade e participação nos lucros.

Na semana passada, a companhia ofereceu aumento de 5% nos salários da categoria e ainda a participação nos lucros equivalente a 1,3 salário-base. No entanto, os petroleiros reivindicavam reajuste salarial de 9,21%, reposição das perdas salariais desde o início do Plano Real, de 39,7%, e aumento por produtividade de 13,85%.

Funcionários da Volkswagen e Audi entram em greve na segunda-feira

Os 3,5 mil funcionários da planta da Volkswagen/Audi instalada em São José dos Pinhais, PR, entram em greve na segunda-feira (16/10) por tempo indeterminado. Os trabalhadores não aceitaram as propostas oferecidas pela montadora e reivindicam, entre outros, redução da jornada para 40 horas.

Segundo porta-voz da montadora, a companhia ofereceu aumento do piso salarial de R\$ 500 para R\$ 600, ajuste salarial de 6,96% pelo índice de inflação e redução imediata da jornada semanal para 43 horas, passando para 42 em setembro de 2001.

A empresa tem intenção de solicitar à Justiça do Trabalho do Paraná o julgamento da legalidade da greve já na segunda-feira. Hoje, 13, as atividades na fábrica estão paralisadas devido à folga do feriado de 12 de outubro.

A fábrica da Volkswagen/Audi, onde são produzidos os modelos Golf e Audi A3, começou a operar em setembro em três turnos com o objetivo de aumentar a produção de 400 para 500 carros/dia. Na ocasião, foram criados mais 500 postos de trabalho, meta anteriormente prevista para 2001. A greve pode atrapalhar as metas de exportação da montadora, já que a unidade produz o Golf que é vendido atualmente nos Estados Unidos. (*Panorama Brasil, 14/10*)

Banestado: greve continua

A maior parte das agências do Banestado de Curitiba, Londrina, Cornélio Procopio e cidades vizinhas continuam paradas. A tendência é que haja a adesão de diversos outros município do interior. Até agora a direção do banco não marcou negociação. (*Agencia CUT, 09.10.00*)

PIT-CNT se movilizó en rechazo a la política económica

Trabajadores, estudiantes y representantes de organizaciones sociales se concentraron en la víspera frente al Palacio Legislativo en reclamo, de un presupuesto "justo", continuando con el plan de movilizaciones que apunta a "modificar la política actual del gobierno".

En las primeras horas de la tarde de ayer los funcionarios de la administración pública y algunos gremios de la actividad privada, como el bancario y la salud, comenzaron a paralizar sus actividades. Sobre las 14 horas las columnas representando a sus respectivos sindicatos y organizaciones sociales se fueron acercando al Parlamento reclamando trabajo, estabilidad laboral, un presupuesto que contemple las necesidades de los sectores sumergidos y rechazaron las privatizaciones que impulsan colorados y blancos a través del gobierno de coalición. (*La Republica 13/10/00*)

Disidencia de la CUT prepara congreso

Un grupo de sindicatos disidentes de la conducción oficial de la CUT trabajaba activamente para la realización de un Congreso Extraordinario con vistas al nombramiento de una nueva directiva. De no haber consenso entre las organizaciones participantes, se discutiría la posibilidad de conformar una nueva central, la sexta en el país. El gremio del transporte que lidera Percio Duarte está a la cabeza de este movimiento. (*Ultima Hora 11/10/00*).

UOM: Lorenzo Miguel buscará su sexta reelección en el gremio metalúrgico

El veterano líder sindical Lorenzo Miguel deberá enfrentar una lista opositora en el colegio electoral que el próximo 23 de octubre designará la nueva conducción nacional del gremio que supo ser el principal referente del sindicalismo argentino.

53 de las 54 seccionales de la entidad elegirán a sus representantes locales y a los 252 electores que decidirán si Miguel continúa como máximo jefe de la UOM por otros cuatro años.

Miguel, será reelegido en Capital Federal, secundado por Roberto Monteverde. El oficialismo se presenta aquí con una lista única, al igual que en otras 43 seccionales. Esta situación hace que la continuidad de Miguel como líder en el orden nacional parezca segura: se descuenta que tendrá la mayor cantidad de electores. Sería, así, su sexta reelección en el cargo.

Pero la oposición interna, representada por la agrupación José Ignacio Rucci, pretende abrir el paso a sus dirigentes en el secretariado nacional para hacer frente a la conducción hegemónica del gremio. Esperan una buena elección a fin de anunciar una lista opositora para el 23.

La crisis financiera de la UOM -se declaró en convocatoria de acreedores y su obra social tiene casi 150 millones de deuda-, la pérdida de afiliados -habría 200.000 contra casi 600.000 de los años 70- y una serie de decisiones arbitrarias del oficialismo calentaron la lucha interna.

Esta situación es inusual, además, por el restrictivo estatuto de la entidad, que obliga a tener avales de un alto porcentaje del padrón para la inscripción de una lista electoral.

La agrupación opositora se formó en abril de este año y está integrada por el titular de la seccional La Matanza y ex co-secretario de la CGT nacional, Carlos Gdansky; el jefe de la seccional Córdoba Capital, Augusto Varas; Naldo Brunelli (San Nicolás), Angel Recúpero (Campana), José Ortiz (Santa Fe) y Víctor Almada (San Francisco-Córdoba), entre otros.

En tanto, el titular de la seccional Quilmes y representante de los metalúrgicos en la CGT disidente, Francisco "Barba" Gutiérrez, aliado de Miguel, sostuvo que "sería un grave error que los compañeros que discrepan sobre la forma de conducir el gremio presenten una lista opositora".

En los antípodas de estos sectores y dirigentes en pugna que son de extracción peronista está la seccional Villa Constitución, que postula, con la lista Marrón, a Victorio Paulón, acompañándolo como adjunto Alberto Piccinini, que fue titular de esa filial en la década del 90 y había sufrido un infarto a principios de año en Mar del Plata, en un congreso del que el oficialismo intentó expulsarlo. Estos dos dirigentes, que comulgan con la llamada línea de "izquierda independiente" y que han establecido una clara supremacía y prestigio en la zona de Villa Constitución, esperan conseguir, a pesar de ir con lista única, un alto grado de adhesión de los 3500 trabajadores del padrón. (ver más www.sindicatomercosul.com.br en noticias anteriores)

[En la Argentina hay cerca de 300.000 chicos que trabajan](#)

Hay en la Argentina, según estudios de Unicef y consultoras privadas, casi 300.000 chicos menores de 14 años que trabajan, que representan el 3% de los ocupados del país. El 73% de ellos lo hace en zonas urbanas, por lo general en los servicios y en el comercio.

Según un informe del Ministerio de Trabajo sobre datos de Unicef Argentina, el resto (27%) tiene actividades en el campo. "Desde muy pequeños -dice el texto-, a los 4 o a los 5 años, realizan algún tipo de tarea con sus padres y hermanos, ya sea en el cuidado de la huerta o la granja, o en explotaciones de terceros, para realizar trabajos a destajo de tipo estacional e intensivo: cosechas de tabaco o algodón, recolección de frutas o zafra."

Se trata, en la mayor parte de los casos, de situaciones de pobreza. Según una investigación de la consultora Equis sobre datos del Instituto Nacional de Estadística y Censos (Indec) y el Banco Mundial, el 50% de los chicos del país vive en la pobreza. Es decir, existen 5.000.000 de pobres menores de 14 años en la Argentina.

La región más afectada es el Nordeste: allí, el 65% de ellos es pobre. Muy cerca de esta cifra se ubica el Noroeste, con un 63%; Cuyo, con el 55%; el Gran Buenos Aires, con el 45%; la región pampeana, con el 42%, y la Patagonia, con el 35%. "En los sectores de bajos ingresos la tasa de natalidad es mayor, y eso hace que la población infantil bajo el nivel de pobreza en

ese estrato crezca en el promedio general", dijo Rosendo Fraga, titular del Centro de Estudios Unión para la Nueva Mayoría. (*La Nación*, 10-10).

Pesquisa na Embratel : realidade frustra até os mais novos

Desenvolvida com a assessoria técnica do Laboratório de Trabalho e Formação da Coppe/UFRJ, a pesquisa abordou questões referentes à privatização, ao novo sistema de gestão da empresa, à remuneração, benefícios e vantagens, às condições de trabalho, hierarquia e relacionamento interpessoal, às expectativas de trabalho na empresa e à visão das entidades sindicais (AEBT, Sinttel/Rio e Fittel - Federação Interestadual dos Trabalhadores em Telecomunicações).

Perda de patrimônio público e de soberania do país

No que diz respeito às mudanças decorrentes da privatização, a maioria esmagadora relacionou a venda da empresa com a perda de patrimônio público e de soberania do país. Atitude que tem tudo a ver com a história de luta e resistência dos trabalhadores da Embratel – basta lembrar a vitoriosa greve de 1987, quando os empregados paralisaram suas atividades e conseguiram que o ministro das Comunicações na época, Antonio Carlos Magalhães, voltasse atrás na concessão dada para que uma empresa ligada ao grupo de Roberto Marinho explorasse os serviços que eram monopólio da Embratel.

Para os participantes da pesquisa, quem mais ganhou com a privatização foi a diretoria, o pessoal de vendas e serviços e os departamentos. Quem mais perdeu foram as entidades sindicais, os engenheiros/técnicos e as chefias imediatas.

Gestão centralizadora, arbitrária, autoritária e desorganizada

Quanto à gestão da empresa, a avaliação é muito negativa, considerando o sistema mais centralizador, autoritário, rígido, arbitrário, fechado, punitivo e desorganizado. A transformação organizacional foi considerada altamente insatisfatória: 40% consideram que a política administrativa da MCI não é séria e que piorou o nível de organização da empresa. Um terço dos que responderam sequer sabem hoje se suas competências e desempenho são corretamente avaliados.

Uma das maiores fontes de insatisfação entre os empregados é o salário – 80% responderam que desde 1998 seu salário tem evoluído de maneira insatisfatória e os critérios de remuneração não são transparentes. Além disso, para 72% deles os benefícios pioraram. Os empregados criticaram também o recebimento de bônus por parte dos gerentes, considerando uma prática aética e prejudicial ao desempenho da empresa.

Mais estresse, pressão alta, desconfiança entre colegas

Se o salário não andou, as condições de trabalho pioraram para 62% dos pesquisados. Tanto que a maioria teve problemas de saúde nos últimos dois anos, como estresse, insônia, enxaqueca, pressão alta e LER.

No que se refere ao relacionamento entre colegas e com os chefes, metade dos trabalhadores consultados respondeu que há mais pressão e cobranças. A maioria acha que há uma deterioração das relações entre colegas, com muita desconfiança, e o clima geral na empresa é considerado "pesado" por 78% deles e "individualista" por 80%.

No balanço das expectativas de trabalho na empresa, 78% esperam melhoria no salário, enquanto 67% esperam reconhecimento ou valorização do trabalho e 63% preocupam-se em manter o emprego. A maioria destaca a necessidade de adquirir formação profissional complementar e como a maioria dos interessados já têm terceiro grau, sugerem cursos de especialização, MBA e pós-graduação. (*Agencia CUT, 10.10.00*)

Aliança inédita entre CUT e Força na eleição municipal de SP

O presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, o "Paulinho", disse que a aliança inédita com a CUT de apoio à candidata do PT Marta Suplicy no segundo turno foi em decorrência do "perigo" da cidade continuar abandonada.

"A Marta terá o apoio de 99,9% da Força Sindical", disse Paulinho.

O presidente da Força disse ainda que a partir desta terça (10) as duas principais centrais sindicais do país estarão unidas para levar a candidata em portas de fábricas. As visitas, segundo ele, terão início na próxima semana.

Para Marta Suplicy, sua campanha não têm apenas a aliança entre CUT e Força Sindical como inédito. A candidata disse que não tem nenhum compromisso com "financiadores" de campanha e com "fatiamento de cargos" e que por essa razão sua gestão, também será inédita.

Marta afirmou que as alianças com as centrais sindicais são devidas ao estilo da sua campanha política, à possibilidade de conversa e oportunidade entre setores da sociedade e com "a vontade de reconstruir São Paulo".

"Não sou uma pessoa sectária, rancorosa. Terei a mais ampla possibilidade e proximidade entre todos os setores da sociedade, o que também é inédito", completou Marta. (Folha de São Paulo, 11.10.00)

Mas de 224 millones de pobres en América Latina, según informe de Cepal

Mas de 224 millones de pobres existen en las naciones latinoamericanas, de los cuales 54.1 millones viven en Brasil según estudio conocido hoy.

El informe de la Comisión Económica para América Latina (CEPAL), de la Naciones Unidas, subraya que del total de, 224 millones de pobres, 117 millones son menores de 20 años que no cuentan con fuentes fijas de empleo, para acceder a condiciones aceptables de alimentación, estudio, vivienda y otros.

La CEPAL también sostiene que hubo un rebrote de la pobreza en América Latina entre 1998 y 1999 debido a la crisis económica que causó la caída del Producto Interno Bruto(PIB),y que ha impedido a los gobiernos desarrollar programas de reactivación y de empleo y mucho menos de ejecutar programas de alcance social que beneficien a los sectores mas afectados.

El estudio hace solamente una salvedad al mencionar a México, donde se señala que hubo un incremento del 1.6% en el poder adquisitivo de los salarios de los Trabajadores.

El informe coincide con otro realizado por el Instituto de Investigación Económica Aplicada(IPEA),dependiente del ministerio de planeamiento de Brasil, de una población de 159.9 millones, sufre los rigores de la pobreza. Peor aún, de ese total, unos 13.1 millones pasaron a las condiciones de indigencia.(A noticia cima é uma das primeiras colocadas no novo sitio web da Fitim . A nova pagina está em : <http://www.imfmetal.org/fitim>)

Jóvenes los mas excluidos en el empleo

Según una reciente estadística, el sector juvenil es el más excluido de las posibilidades de empleo actualmente en nuestro país y el porcentaje va en aumento continuo. Paraguay está indicado como uno de los países con peor perfil de educación de su mano de obra y esto crea una gran desventaja en el Mercosur. Según los datos, de tres desempleados abierto, dos son jóvenes. (Ultima Hora 13/10/00).

[regressar](#)



Países do Mercosul negociam liberalização de serviços

Os quatro parceiros do Mercosul já começaram a discutir as possíveis restrições que cada país fará para a liberalização do setor de serviços no âmbito do bloco. Até agora, já foram negociados dois setores comuns que vão atuar com ressalvas na união aduaneira: distribuição de energia e serviços profissionais.

Essa foi uma das principais conclusões da segunda reunião do subgrupo de serviços do Mercosul, encerrada nesta quarta-feira, em Brasília. No caso dos serviços profissionais, o fim das barreiras só se tornará uma realidade quando o setor receber o aval dos conselhos profissionais das categorias incluídas nas listas de liberalização elaboradas por cada país.

As negociações para a liberalização do segmento de serviços foram objeto do Protocolo de Montevideu, assinado pelos quatro países em 1997, que prevê facilidades para o comércio transfronteiriço, presença comercial, consumo no exterior e serviços profissionais.

As negociações são muito difíceis porque cada um dos parceiros tem interesses diferentes. A lista de liberalização do Brasil, por exemplo, inclui as áreas de telecomunicações, serviços financeiros, informática, transportes e contabilidade. Setores que não despertam o interesse da Argentina.

As listas, porém, terão que estar consolidadas até 2002, segundo os prazos negociados durante a presidência pró-têmpore da Argentina do Mercosul, no primeiro semestre deste ano. A partir da definição dos setores, os quatro parceiros vão iniciar as discussões de como se dará a liberalização dos serviços, que poderá ocorrer em um prazo de até 10 anos. (*Panorama Brasil 12/10*)

Mercosur propone visa para facilitar transito de trabajadores.

El Grupo de Servicios del Mercosur, que se encuentra reunido en Brasilia, propuso la creación de una "visa Mercosur" para facilitar la movilización de los trabajadores prestadores de servicios profesionales temporarios en la región.

La propuesta prevé que la visa tendrá una validez de tres años, y deberá estar vinculada a un contrato de trabajo con una empresa. Esta cláusula impedirá la obtención de la visa con el objetivo de buscar trabajo en otro país.

La visa será una herramienta de transición que será utilizada hasta la total liberación de los sectores de servicios, lo que será discutido en la próxima reunión del Grupo, en diciembre en la ciudad de Florianópolis. (*Boletín NexoBrasil 11/10*)

Duas leituras sobre o ingresso do Chile no Mercosul –flexibilizar ou não a União Aduaneira – ou seja as relações externas do Mercosul (editoria)

1. (Brasil) Entraves ao ingresso do Chile

O Chile não deverá ingressar integralmente no Mercosul este ano, como estava previsto. A falta de entendimento com o Brasil para a renovação do acordo de cooperação econômica e as barreiras impostas recentemente contra produtos lácteos e pré-misturas de trigo da Argentina estão afastando o país andino do bloco regional.

Outros obstáculos à integração chilena são a dificuldade que os atuais integrantes do Mercosul encontram para fazer novas concessões em acesso a mercados e a situação política argentina.

A adesão formal do Chile ao bloco regional seria formalizada na próxima reunião do Conselho do Mercosul (integrado pelos presidentes do Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina), nos dias 14 e 15 de dezembro, em Florianópolis.

A maior crítica dentro do Itamaraty é contra a posição ambígua do Chile, que hoje, junto com a Bolívia, tem status de associado no bloco. (*Gazeta Mercantil, 13.10.00*)

2. (Uruguay) Chile afina proceso para su integración a Mercosur

El resultado de estas negociaciones deberá someterse a la próxima cumbre del grupo, el 14 y 15 de diciembre en Brasil.

Los principales negociadores del Mercosur (Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay) y de Chile comenzaron ayer, en Montevideo, una nueva jornada de negociaciones para definir el proceso de adhesión de los chilenos al bloque, informaron voceros diplomáticos en Uruguay. Estas tratativas podrían culminar con la firma y posterior ratificación del Congreso chileno del Tratado de Asunción, que dio origen al Mercosur el 26 de marzo de 1991, y con un proceso de convergencia de los aranceles externos entre los países en negociación.

Las conversaciones se iniciaron en la sede de la Secretaría Administrativa del Mercosur (SAM), en Montevideo, y se prolongarán hasta hoy.

El resultado de las gestiones de estos días de negociaciones deberá someterse a la próxima cumbre del grupo, que se realizará el 14 y 15 de diciembre en Florianópolis (Santa Catarina, sur de Brasil), informaron agencias de noticias. Los negociadores estudiarán la formación de tres grupos de trabajo, que en un plazo de unos 18 meses deberían definir las cuestiones jurídicas y normativas, revisar el programa de liberación comercial entre las partes, y estructurar un proceso de convergencia arancelaria.

El presidente del Banco Central del Uruguay (BCU), Ignacio García Peluffo, propuso este jueves **flexibilizar la unión aduanera** (que exige compartir un arancel externo común, AEC), lo que permitiría a los países miembros **“una mejor política de alianzas internacionales”**, y

facilitaría el ingreso de Chile. Los aranceles chilenos están fijados actualmente en un 9%, mientras que la tasa promedio del Mercosur se sitúa por encima del 15%. (*El Diario, 13.10.00*)

Relanzarán a fin de mês el Mercosur com importantes acuerdos

Los coordinadores paraguayos del Mercosur avanzaron en la agilización de trámites en frontera, aplicación de incentivos y sistema de solución de controversias, aspectos clave para el relanzamiento del bloque regional previsto para fin de mes, según informes difundidos por fuentes diplomáticas este martes.

En el caso de los sistemas de controversias, se acordó formar un grupo de representantes de los países miembros del Mercosur, sumamente beneficioso para Paraguay, que sufre las constantes trabas aduaneras de los socios más grandes del bloque.

Indicaron que además se analizaron temas vinculados con la defensa comercial y defensa de la competencia, las relaciones externas, el arancel externo común y el acceso a los mercados.

Los Coordinadores Nacionales del Grupo Mercado Común de la Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay culminaron en Buenos Aires las negociaciones, el 29 de junio presentarán los resultados de sus trabajos específicos destinados a desarrollar importantes puntos que integran la agenda para el relanzamiento del Mercosur, según informó por su parte la página Web Decidir.Com, un sitio en Internet especializado en temas económicos. Los coordinadores también consideraron alternativas para disciplinar en forma conjunta la utilización de los mecanismos de incentivos a las inversiones, a la producción y a la exportación, incluyendo admisión temporaria, regímenes especiales de importación y zonas francas. En ese sentido, se tratará de asumir un compromiso de transparencia, efectuar un relevamiento de las medidas existentes y adoptar normas comunes para el uso de los incentivos en el futuro, indicó, por su parte, la Cancillería. (*Yagua, 13.10.00*)

Brasil posterga nuevamente reunión sobre la maquila de Paraguay

Brasil ha vuelto a aplazar para el próximo 20 una reunión prevista para el 15 con técnicos de Paraguay, tendiente a definir el reglamento intra-Mercosur del régimen de maquila, informó el secretario ejecutivo del consejo, Dr. Emilio Báez Maldonado.

El funcionario manifestó que el pedido de los brasileños es atendible, pero advirtió que nuestro país no se aceptará otra nueva postergación, de modo que se comenzará a aprobar los programas presentados, cuyas exportaciones serán destinadas al mercado de extrazona.

“Cuando hablamos de maquila, estamos hablando de bienes de exportación, es decir, cuando el bien maquilado sale del país para entrar a terceros países. Si va fuera de la región, tiene que ir a pagar todos los gravámenes de importación normales de esos países, pero si va a los mercados del Mercosur, tiene que cumplir toda la normativa regional”, explicó Báez Maldonado. Dijo que con las autoridades brasileñas se está analizando la creación de un sistema de control integrado, en cuyo contexto Paraguay pueda demostrar la veracidad del valor agregado del bien objeto de maquila, y así descartar la sospecha de que se van a traer productos terminados, con certificados de origen falsificados.

“Nosotros hemos creado todos los mecanismos para que eso no ocurra, la propia Cámara de Empresas Maquiladoras del Paraguay, juntamente con el Ministerio de Industria y Comercio serán los encargados de emitir los certificados de origen”, destacó.

Añadió que, por otro lado, también se les habilitaría a las autoridades brasileñas inspectorías para la verificación, o probablemente, la participación de las propias empresas brasileñas o argentinas que se sientan eventualmente afectadas por la maquila paraguaya. Sobre el punto, aclaró que estas empresas no podrán prohibir que las maquiladoras paraguayas compitan con ellas, sino exigir que el valor agregado se dé realmente en nuestro país.

Preguntado si un reglamento intra Mercosur no va a significar una limitación para la producción de ciertos rubros, dijo: “De ninguna. Un reglamento o una ley no puede modificar lo que está establecido en el Tratado de Asunción, por orden de prelación superior”. (*ABC, 11.10.00*)

Contrabando desde el Brasil

Según denuncias de empresarios de la industria el ingreso de pollo y gaseosa, v; a contrabando desde el Brasil, est recrudesciendo, a tal punto que la comercializaci#n de estos dos productos en el mercado nacional est recortando considerablemente las posibilidades de venta de los empresarios paraguayos. Esto ha llevado a que representantes del sector soliciten a los organismos del Gobierno reforzar los controles fronterizos. (Ultima Hora 10/10/00).

Bloco ainda tenta acordo para regime automotivo

O embaixador especial para o Mercosul do Itamaraty, José Botafogo Gonçalves, disse ontem que confia no fechamento do acordo automotivo do bloco até o final do ano, apesar do difícil avanço nas negociações. A próxima reunião seria esta semana em Montevideú, no Uruguai, mas foi transferida para o dia 19 de outubro a pedido do secretário da Indústria e Comércio da Argentina, Javier Tizado. A reunião ainda não tem lugar confirmado.

Botafogo disse não acreditar que a crise política pela qual passa a Argentina depois da renúncia do vice-presidente venha a afetar o comércio bilateral com o Brasil.

O embaixador Botafogo afirmou que a negociação do regime automotivo não se baseia em garantir vantagens para um outro lado.

Segundo ele, se busca uma fórmula cujas regras permitam produzir um automóvel de baixo custo para ser competitivo em termos internacionais. Brasil e Argentina discutem a forma de cálculo do conteúdo local dos carros argentinos.

Para o Brasil, a fórmula argentina não contribui para a redução de custos. Botafogo reiterou que nos dias 30 e 31 de outubro Brasil e Argentina estarão reunidos em Piracicaba, interior de São Paulo para discutir o setor açucareiro. (*Valor Econômico*, 10.10.00)

Ensino superior no Mercosul é tema de debate no Rio de Janeiro

O I Encontro Anual do Fórum Permanente Universitário Mercosul será no período de 8 a 10 de novembro próximo, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). O encontro apresentará trabalhos e debates sobre temas vinculados à integração regional latino-americana.

O objetivo do evento é promover o intercâmbio entre os órgãos ligados às instituições de ensino superior dos países membros do Mercosul ou dos estados associados (Chile e Bolívia) que se dedicam de forma plena ou parcial às atividades relacionadas à integração sub-regional e/ou latino-americana. (*Panorama Brasil*, 13/10/00)

Veto da Argentina à carne suína gaúcha surpreende indústria

Produtores e indústrias do Rio Grande do Sul esperam reação imediata do ministro da Agricultura Pratini de Moraes à decisão argentina de suspender importações de carne suína gaúcha. A resolução surpreendeu a cadeia por ter sido editada na semana em que o governo estadual considerou controlado o foco de aftosa em Jóia.

O setor já enfrentava problemas antes do surgimento da doença e agora passa por um estágio crítico, disse o superintendente da Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda (Cosuel), Carlos Freitas. A empresa foi a maior exportadora gaúcha de suíno em 1999 e a quarta do País, mas não deve repetir o mesmo desempenho neste ano.

As limitações impostas pelo governo federal em relação ao trânsito de carnes e animais do Rio Grande do Sul para outros estados prejudica os negócios, assim como a posição da Argentina. (*Gazeta Mercantil*, 09.10.00)

Parlamento de Brasil impulsa agricultura en fronteras con Mercosur

El Parlamento brasileño estimulará la agricultura familiar en la región del sur del país, que comparte fronteras con Argentina, Paraguay y Uruguay, según un proyecto que instituye el Programa Gran Frontera Mercosur y al que accedió la AFP este lunes.

Dicho proyecto, propuesto por el diputado Antonio Carlos Konder Reis, pretende promover la agricultura familiar, reducir el éxodo del campo y articular un modelo integrado de recursos

públicos y las acciones del Gobierno en áreas determinadas para la creación de varios polos de desarrollo.

Los pequeños y medianos municipios de los Estados de Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina y Rio Grande do Sul, situados hasta 450 km de la línea fronteriza, serán los beneficiados por este proyecto, que pretende la integración regional, la inserción en el Mercado Común del Sur y la competición internacional.

Superada ya la votación en la Comisión de Mercosur y la de Economía, Industria y Comercio, la propuesta tiene que ser examinada por las de Desarrollo Urbano e Interior y la de Justicia y Redacción, antes de ser examinada en sesión plenaria por ambas Cámaras. *(El País, 10.10.00)*

Polémica división fronteriza

Luego de conocerse los avances de obra para la instalación de una estructura sólida en el cantero central de la avenida Internacional del Chuy, el ministro de Relaciones Exteriores uruguayo, convocó a su despacho al embajador de Brasil, Francisco Thompson.

El canciller y el representante diplomático dijeron en breves declaraciones a la prensa que se busca una solución "de naturaleza amigable" entre dos países "hermanos y socios" para lo cual se apuesta al diálogo con el alcalde brasileño.

Días atrás el director de Asuntos Limítrofes de la cancillería de nuestro país, había señalado que la decisión del Kassem Jomaa viola un estatuto de frontera firmado por Brasil y Uruguay en 1934. "El estatuto establece una franja de 22 metros hacia adentro a partir de la línea divisoria.

La medida de instalar una valla, tomada por el prefeito del Chui, tendría como cometido principal anular las bocas de comercialización de los puestos de venta instalados.

Por otra parte, Kassem señala que actúa en función de un acuerdo binacional suscrito en Itamarati (Brasil) donde se establece que en una franja de diez metros a cada lado de la línea divisoria no puede haber instalación de naturaleza alguna. *(La Republica 11/10/00)*

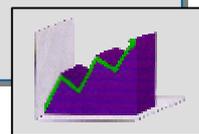
A cidade de Chuí tem pouco mais de 3.000 habitantes. A uruguaia Chuy, cerca de 7.000. O prefeito de Chuí, Mohamed Kassem Jomaa (PFL), foi reeleito na última eleição, no dia 1º, com 66,8% dos votos. Em Chuy, no lado uruguaio, quem faz a negociação é o intendente (governador) do departamento (Estado) de Rocha, no qual a cidade uruguaia está localizada. (Folha de São Paulo, 11.10.00)

Se levanto bloqueo en Puerto Falcon

Luego de intensas negociaciones entre transportistas paraguayos, representantes de la aduana argentina y paraguaya se levantó el bloqueo del puente que une Puerto Falcón y Clorinda. Los transportistas paraguayos habían cerrado el puente por 24 horas en señal de protesta contra las extremas medidas de control de la aduana argentina. Las denuncias son de que los funcionarios argentinos retrasan la fiscalización por horas con el único objetivo de cobrar 80 dólares por vehículo en concepto de trabajo en horas extras. *(Ultima Hora 13/10/00)*

[regressar](#)

EMPRESAS E SETORES



Setor Auto

Montadoras temem encolhimento do mercado argentino de automóveis

A crise econômica atravessada pela Argentina tem um efeito direto sobre as montadoras que passam a projetar um recuo nas vendas internas e externas. Apesar disso, os fabricantes de veículos não pensam em abandonar a Argentina, deixando ao léu seu mercado automobilístico.

Nas previsões do presidente da Volkswagen do Brasil, Herbert Demel, a produção no mercado argentino deve cair de 300 mil unidades, volume estimado em 2000, para algo em torno de 270 mil, em 2001.

No caso da Fiat não é diferente. Para o presidente da montadora no Brasil, Gianni Coda, a estimativa é a de que o mercado encolha para uma média de 250 mil unidades ao longo de 2001. Hoje, a montadora produz apenas 20% da sua capacidade diária, que em tempos considerados normais seria de 500 unidades por dia, exemplificou.

Os dois executivos tem em comum a idéia de que a Argentina pode passar a conviver com montadoras que supram apenas o mercado local, uma vez que os custos da paridade com entre o peso e o dólar impedem a exportação de automóveis para outros mercados, como por exemplo o Brasil. Neste ambiente, as montadoras demonstram dificuldade em manter o equilíbrio na balança de exportações entre os dois vizinhos. "Fazemos investimentos na Argentina para abastecer aquele mercado. Mas, apesar das dificuldades, temos de manter também o equilíbrio do fluxo entre o Brasil e a Argentina", afirma o presidente da Renault do Brasil, Luc Menard. Este ano, a Renault está investindo US\$ 25 milhões na Argentina.

Já a VW, tem um cronograma de investimentos de US\$ 800 milhões previstos para 2000. Deste montante, US\$ 400 milhões estão sendo destinados a uma nova fábrica de transmissão na Argentina, enquanto o restante vai para a reestruturação da planta da montadora em São Bernardo do Campo, em São Paulo. "Não cancelamos nossos investimentos, mas esperamos regras claras", afirma Demel. (*Panoramabrasil* 12/10)

Mercedes Benz: "Política argentina dificulta acuerdo automotor"

Para el director de Asuntos Gubernamentales de Mercedes Benz, Luiz Adelar Scheuer, las divergencias entre Brasil y Argentina tienen raíces política. Para él "el impasse es mucho más un político interno argentino que un episodio de diplomacia pura. Scheuer, que efectuó estas declaraciones durante el 21º Salórn internacional del Automóvil, en San Pablo, opinó también que el desacuerdo entre ambos países por el tema automotor deberá ser solucionado a través de una negociación que incluya concesiones a otros sectores de la economía argentina.

En sus propias palabras "el problema debe ser resuelto por medio de compensaciones en otros sectores". (*Boletim NexoBrasil*, 10/10)

Fiat producirá un solo modelo en el país y reduce su personal

El presidente de la filial local de Fiat, Cristiano Rattazzi, dijo "Estamos preocupados porque la economía del país no está evolucionando, cuando el contexto internacional muestra índices positivos".

Los ejecutivos de Fiat no ahorraron críticas al Gobierno. "Los impuestos a los activos, el IVA a las inversiones y el gravamen sobre la ganancia presunta castigan a las empresas que hicimos más inversiones. Por su parte, el director general Buffoli agregó: "Este año esperábamos un mercado de entre 370.000 y 380.000 unidades y todo indica que serán 320.000. En 2001, el mercado seguirá bajo, apenas se llegará a 300.000 unidades, lejos de las 450.000 de 1997".

Entre enero y septiembre últimos, Fiat produjo en su planta de Ferreyra, Córdoba, 25.813 unidades de los modelos Uno, Duna, Palio y Siena, un 25% menos que en igual período de 1999. Además, fueron menos los rodados fabricados en septiembre (1925 unidades) respecto de agosto (2176). Las ventas también cayeron en picada: entre enero y septiembre comercializaron 27.307 autos y utilitarios livianos, un 35,3% menos que en igual plazo del año último.

El presidente de Fiat do Brasil, Gianni Coda, aseguró que se trasladaría al vecino país la producción del Palio y el Uno. Rattazzi no lo negó, y reconoció que los costos en la Argentina son "entre un 20 y un 30% más altos" que los de Brasil. "La idea es especializarse en un solo modelo, y eso puede ser en un año, dos o lo que sea -dijo

Fiat quiere fabricar en el Mercosur todos los modelos que se comercialicen en la región. Brasil lleva la delantera: allí se harán los modelos que se introducirán en el corto plazo: el nuevo Palio, el Doblò (competirá con el Kangoo, de Renault), y una pickup pesada.

El vocero del Sindicato de Mecánicos y Afines del Transporte Automotor (Smata), Daniel Dragún dijo que "alentamos la estrategia de fabricar un solo modelo. Es la única manera de alcanzar volumen".

Entre junio y septiembre hubo 320 retiros voluntarios en la planta cordobesa, que se quedó con 860 trabajadores. No llegan a producir 200 unidades diarias, cuando la capacidad máxima es de 600. Otras 50 personas deberán alejarse de la compañía. "No salimos a protestar porque somos conscientes de que la empresa no puede producir más", explicó Dragún.

Produção de brasileira de veículos poderá ser de 1,65 milhão este ano

O 21º Salão Internacional do Automóvel começou hoje em São Paulo sob um clima de otimismo que é impulsionado pela perspectiva de reaquecimento na produção nacional de automóveis para 1,650 milhão de unidades em 2000. O Salão do Automóvel foi aberto oficialmente ao meio dia de hoje.

Para o secretário de ciência, tecnologia e desenvolvimento econômico, José Aníbal, o salão acontece num momento em que o estado de São Paulo supera os entraves da guerra fiscal e consegue atrair US\$ 4 bilhões em investimentos no setor automobilístico e ressaltou que a previsão de que o ABC Paulista passaria por um processo de enfraquecimento semelhante ao de Detroit (Estados Unidos) não se cumpriu. Ele lembrou que o ABC irá receber investimentos da ordem de US\$ 3,2 bilhões provenientes das montadoras Volkswagen e General Motors. Tal investida da iniciativa privada fez com que o Estado assumisse uma espécie de parceria com o setor automotivo. Aníbal lembrou que para garantir os investimentos estão sendo feitas obras de infra-estrutura, a exemplo de piscinões em torno de algumas montadoras instaladas no ABC. (*Panoramabrasil 12/10*)

Situación de las Pequeñas y Medianas Industrias

Sesenta por ciento de las pequeñas y medianas industrias (PyMIs) atraviesa un período de estancamiento o achicamiento. La mitad se ve obligada a utilizar el descubierto en cuenta corriente pagando una escalofriante tasa de interés de 38 por ciento anual promedio, como consecuencia de caída de ventas, mora en cobranzas y disminución de rentabilidad.

También las expectativas de los empresarios respecto del nivel de ventas, exportaciones, ocupación e inversión continúan la tendencia decreciente que se viene observando desde fines del año pasado.

Así lo señala la última encuesta realizada por el Observatorio PyMI de la Unión Industrial Argentina. En el primer semestre del año, el sector mostró una caída de 2,8 por ciento en el nivel de empleo, de acuerdo con este estudio que incluyó información de mil empresas industriales representativas de todo el país.

El sector pequeño y mediano de la industria expulsó mano de obra en 1998, 1999 y en lo que va del 2000. En ese período, las PyMIs perdieron 2.000 puestos de trabajo, lo que equivale a 1,1 por ciento de la ocupación del sector. El conjunto del sector industrial perdió durante el último quinquenio unos 110 mil puestos de trabajo, según este trabajo. (*Ambito Financiero, 10-10*).

Belgo-Mineira de Brasil compartirá control de Acíndar

Acíndar está a punto de tener un nuevo accionista: la brasileña Belgo-Mineira, controlada por el gigante Arbed de Luxemburgo (tiene 51 por ciento del capital).

En Brasil se habría firmado una carta de intención por la cual Acíndar -después del consabido «due dilligence»- cederá 20 por ciento de sus acciones al nuevo socio. Como también es habitual en estos casos, se habla de «sinergia» entre los negocios de ambos grupos y de complementariedad de las plantas de Brasil y de Villa Constitución.

El Credit Suisse First Boston (CSFB), al que se le entregó el mandato, habría recomendado la asociación con Belgo-Mineira, luego de que se diera casi por seguro que quienes compraban era el megagrupo acerero brasileño Gerdau, que ya se había quedado con AmeriSteel (siderúrgica de Estados Unidos) y empresas del sector en Canadá. También había terciado la estadounidense Nucor; la venta tanto a éstos como a Gerdau habría fracasado porque ambos

pretendían el control y la mayoría accionaria -dentro del grupo de acciones de Acíndar que no flota en la Bolsa-, a lo que los Acevedo no estaban dispuestos a acceder.

Finalmente, el «deal» se habría cerrado con Belgo-Mineira justamente en base a la aceptación de éstos de estructurar la operación en base a un canje de acciones y de compartir la dirección de la empresa con el actual grupo de control.

La entrada de un socio de la envergadura de Belgo-Mineira (más el respaldo de Arbed) seguramente contribuirá a darle aire a las complicadas finanzas de Acíndar.

Belgo-Mineira es un gigante que cuenta con cinco plantas siderúrgicas en Brasil (tres en Minas Gerais, una en San Pablo, otra en Espiritu Santo), que dan empleo a cerca de 4.000 trabajadores. En la última década lleva invertidos alrededor de u\$s 2.000 millones en modernizar su estructura productiva.

Al igual que Acíndar, parte de su capital está en manos del público; también son accionistas Bradesco (el principal banco privado de Brasil) y fondos de pensión. Su controlante, Arbed de Luxemburgo, también tiene operaciones en Estados Unidos, Corea, Singapur y otros países. Según fuentes del sector, Arbed es uno de los cinco mayores grupos siderúrgicos del planeta, posición que consolidará con la incorporación a su «establo» de Acíndar. (*Ambito Financiero*, 10-10).

El papel de la industria, según la UIA

Bajo el lema "Agenda para una Argentina desarrollada, el rol de la industria", la Unión Industrial Argentina, que preside Osvaldo Rial, se reunirá en Mar del Plata en la VI Conferencia Industrial Argentina. Según el programa de disertantes, la primera jornada del encuentro será para los distintos sectores industriales, los cuales, por medio de sus representantes, darán el cuadro de situación, problemas y obstáculos para el crecimiento en el país, pero también darán propuestas para el futuro. El encuentro servirá para que los industriales dejen en claro sus expectativas de desarrollo y, otra vez, dibujen su agenda de trabajo para el futuro inmediato.

Los industriales aprovecharán su sexta conferencia anual para acercarle al Gobierno una propuesta de crecimiento económico. Prevé llevar las exportaciones a 50.000 millones de dólares en 5 años, bajar el desempleo al 7% y elevar la producción industrial desde los actuales 45.000 millones de dólares a 60.000 millones de dólares en 2 años.

La propuesta de la UIA tiene el visto bueno de la familia Rocca, los dueños del poderoso grupo Techint. Surgió de un memo de circulación interna en la Unión Industrial, que encabezan Osvaldo Rial e Ignacio de Mendiguren. "La creación de un modelo de recambio" considera que el actual modelo está agotado y denuncia que "la Argentina hoy ya no es un país en desarrollo, porque mientras que en 1994 ocupaba el puesto 27 entre los países más competitivos del mundo, en el 2000 cayó al lugar 45".

Los empresarios criticarán el costo financiero y de los servicios, en lo que sería un nuevo capítulo en la pelea entre los industriales y las empresas de servicios públicos privatizados.

Sobre la base de un relevamiento que realizó entre sus socios de todo el país, la cúpula industrial considera que hay siete sectores estratégicos para motorizar el proyecto político que reclaman. Son el maderero, papel, gráfico, metalúrgico, cuero, calzado e indumentaria y la industria automotriz. Esos sectores explican el 54,4% de la producción industrial, el 51,2% del empleo del país y el 70% de las exportaciones.

El informe además sostiene que por cada millón de dólares (en valores brutos de producción, es decir según el precio a la salida de fábrica) el sector energético emplea 1,5 personas mientras que los sectores industriales emplean, en promedio, por ese mismo millón de dólares a 12 personas. Y resalta que en el sector manufacturero de mano de obra intensiva la relación es mayor: 23 personas ocupadas por cada millón de dólares. (*Clarín*, 11-10). (*La Nación*, 10-10).

Gerdau registra lucro de R\$ 321 milhões de janeiro a setembro

A Gerdau encerrou os nove primeiros meses do ano com um lucro líquido consolidado de R\$ 321 milhões, crescimento de 13% sobre o mesmo período de 99. O faturamento atingiu a marca de R\$ 4,6 bilhões, 78% maior do que no mesmo período exercício anterior.

A receita de exportação teve um aumento de 50%. Saltou de US\$ 109 milhões para US\$ 163 milhões. A maior parte dos produtos é destinado para atender a demanda da América Latina, Estados Unidos e Europa.

Segundo Frederico Gerdau Johannpeter, vice-presidente e diretor de relações com investidores da Gerdau, a evolução positiva dos principais números da Gerdau é resultado da recuperação dos preços dos produtos da Açominas no mercado internacional, da comercialização de produtos com maior valor agregado, além da consolidação da siderúrgica norte-americana AmeriSteel, da Açominas e da Sipar, localizada na Argentina.

A produção consolidada de aço cresceu 57%, num total de 5,3 milhões de toneladas, e a de laminados 52%, somando 4,4 milhões de toneladas. No Brasil, o total produzido foi de 3,3 milhões de toneladas de aço (+15%) e de 2,5 milhões de toneladas de produtos laminados (+6%). Sobre o volume consolidado, as usinas brasileiras contribuíram com 62%, em aço e com 57% em laminados.

As unidades do exterior (Uruguai, Argentina, Chile, Canadá e Estados Unidos) produziram 2 milhões de toneladas de aço (+ 281%) e mais dois milhões de toneladas de produtos laminados (+ 260%). Representam 38% na produção total de aço da Gerdau e 43% na de laminados. (*Panoramabrasil 12/10*)

[regressar](#)



[Brasil quer normas da OMC para exportações](#)

O Brasil começa a reagir na Organização Mundial do Comércio (OMC) a dificuldades constatadas na disputa aeronáutica com o Canadá. Uma das lições aprendidas é que não se pode continuar aceitando que regras negociadas por um restrito grupo de países industrializados - a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) - sejam aplicadas aos 138 países membros da OMC.

Para evitar que ocorra na agricultura o que acontece com produtos industriais, o País propôs, sexta-feira, que a OMC comece a negociar disciplinas de crédito à exportação agrícola, como está previsto no artigo 10.2 do Acordo Agrícola definido na Rodada Uruguai. O período de implementação desse acordo termina em dezembro, mas até agora nada foi feito. E a questão, até sexta-feira, parecia destinada às calendas gregas. (*Gazeta Mercantil, 09.10.00*)

[Cairns quer fim de subsídio](#)

Os países produtores de açúcar vinculados ao grupo de Cairns reunidos ontem em Banff, no estado de Alberta, no Canadá, emitiram documento solicitando o fim dos subsídios das exportações.

A reunião contou com representantes da chamada Aliança Global para reforma e Liberalização da Comercialização do Açúcar, grupo formado por Austrália, Canadá, Chile Colômbia, El Salvador, Honduras, Índia, Nicarágua, Panamá, Tailândia e África do Sul, além do Brasil. Além disso, o grupo pede a redução das políticas de incentivo ao açúcar, considerado pelos representantes do setor como um dos produtos mais protegidos em todo o mundo.

Para o grupo, a adoção de políticas de subsídios provocam fortes quedas nos preços internacionais ocasionando queda na renda dos países produtores. (*Gazeta Mercantil, 11.10.00*)

[Aço e café solúvel levam Brasil a brigar na OMC](#)

O Brasil compra briga contra a Turquia e a União Européia (UE) na Organização Mundial de Comércio (OMC), para tentar derrubar barreiras contra exportações brasileiras de tubos de aço

e café solúvel. O País acionou o mecanismo de disputa comercial contra a Turquia, questionando a imposição de antidumping de 50% aos tubos de aço da Fundação Tupy.

A alegação é de que a medida é ilegal, pois viola sete artigos da legislação antidumping da OMC. A taxa quase inviabiliza a entrada do produto da empresa catarinense. Na mesma investigação, o governo turco aplicou sobretaxa de 95% contra idêntico produto da China.

A briga com a União Européia é contra o Sistema Geral de Preferência (SGP) por causa da discriminação nas exportações de café solúvel. Enquanto o produto brasileiro é submetido à tarifa de 9%, concorrentes como Colômbia, Bolívia e Equador tem isenção tarifária total como incentivo no combate às drogas. (*Gazeta Mercantil*, 11.10.00)

[regressar](#)



NOTAS E CORRESPONDÊNCIAS

12 de Octubre - GRITO DE LOS EXCLUIDOS/AS DE LAS AMÉRICAS

Por un milenio sin exclusiones

Del fondo de nuestros corazones, nosotros, los excluidos y excluidas de las Américas, lanzamos un grito de protesta contra la desigualdad y la injusticia del mundo en que vivimos. Somos todos pasajeros de la misma nave, el planeta Tierra; sin embargo, como en las carabelas de los colonizadores y nuestros aviones trasatlánticos de hoy, viajamos en condiciones desiguales. En la primera clase, una minoría usufructúa todos los privilegios del consumismo superfluo, de actitudes anti-sociales y depredadoras del medio ambiente. Esa minoría tiene acceso a la medicina sofisticada, la educación, la cultura y los beneficios de la tecnología de punta. En las bodegas insalubres, agobiados por el hambre, las enfermedades, la violencia y la explotación, se amontona la mayoría de la población mundial.

Nuestro grito se eleva contra un tipo de globalización económica que, al favorecer a los pocos países desarrollados en detrimento de las naciones pobres, revela su carácter de verdadera globocolonización. El PIB mundial, calculado hoy en U\$D 25 billones, es el retrato de la brutal acumulación de riquezas en manos de pocos: los países del G-7 (Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Francia, Italia, Alemania y Japón) detentan U\$D 18 billones. ¡ Los U\$D 7 billones restantes deben ser repartidos entre más de 180 países! Clama a los cielos constatar que apenas tres ciudadanos estadounidenses -Bill Gates, Paul Allen y Warren Buffett- poseen, juntos, una fortuna superior al PIB de 42 naciones pobres, en las cuales viven 600 millones de habitantes. Se globaliza la pobreza y no el progreso; la dependencia y no la soberanía; la competitividad y no la solidaridad.

Por eso, hay 204 millones de pobres y 90 millones de miserables en América Latina y en El Caribe, a los cuales se debe aumentar los bolsos de miseria que existen en varias partes del opulento Estados Unidos. Nuestro grito es de protesta contra la economía capitalista neoliberal que, monitoreada por el FMI y por el Banco Mundial, reduce la democracia al mercado, la ciudadanía al consumismo, y viola la soberanía de nuestros Estados nacionales mediante imposiciones y amenazas.

Si las naciones ricas quieren progreso, ¿por qué no establecen reglas justas para el comercio mundial, eliminando las restricciones y las prácticas comerciales que degradan los precios de los productos que las naciones pobres exportan? Si quieren paz, ¿por qué no acaban con la carrera armamentista, que consume anualmente U\$D 800 mil millones y dejan de exportar armas hacia los países del Tercer Mundo? Si quieren el fin de las drogas, ¿por qué no erradican los paraísos fiscales, donde el dinero sucio es lavado por los "honrados" banqueros del Primer Mundo, y prohíben que el éter y la acetona sean exportados de Estados Unidos a los fabricantes?

Nuestro grito denuncia que, después de la Segunda Guerra Mundial, América Latina no tenía deudas, pero hoy debe casi 1 billón de dólares. Es la más alta deuda externa por habitante del

mundo. Consecuentemente, nuestro continente es campeón en desigualdad entre los más ricos y los más pobres. Nuestros países son víctimas del capital especulativo, del colonialismo cultural representado por los enlatados televisivos y de la intervención militar bajo el pretexto del combate al narcotráfico. El número de personas hambrientas y desempleadas nunca fue tan grande en las Américas.

Nuestro grito es de indignación, pero es también un grito de esperanza. Vemos, con alegría, campesinos que se movilizaron para exigir la reforma agraria; grupos de los más diversos países y de los más diversos intereses se juntaron para bloquear las reuniones de los grandes banqueros y de los grandes empresarios, en Seattle, en Washington, en Praga, a fin de protestar contra el sistema económico neoliberal; movimientos populares organizaron manifestaciones masivas exigiendo cambios en casi todos los países del Continente, en especial en México, Venezuela, Perú, Bolivia, Argentina y Ecuador. Presenciamos la fuerza de los pueblos indígenas que se levantan con coraje exigiendo la demarcación de sus tierras; la multiplicación de los movimientos de mujeres contra la discriminación machista; la organización de los movimientos negros para exigir respeto a sus raíces culturales y sus derechos históricamente reprimidos. En Brasil, unos seis millones de electores se pronunciaron contra el pago de la deuda externa, en el plebiscito ciudadano realizado recientemente en todo el país.

Esas señales, evidentes hoy en todo el mundo, nos dan esperanza de que el Fondo Monetario Internacional, la Organización Mundial del Comercio y el Banco Mundial sean sustituidos por instituciones efectivamente democráticas, donde las naciones tengan igual poder de voz y de voto, a fin de regular el flujo de capitales especulativos y derrumbar el proteccionismo de los países ricos, priorizando los derechos humanos y la justicia social.

Esperamos que nuestro clamor se extienda de tal forma que el gobierno de Estados Unidos se vea forzado a retirarse de Colombia, evitando un conflicto que pondrá en grave riesgo a la población y la biodiversidad amazónica.

Nuestro grito clama también por el fin del cruel bloqueo que Estados Unidos viene imponiendo a Cuba.

Esperamos que nuestras reivindicaciones básicas se convertirán lo más pronto en realidad: reforma agraria; cambios en las políticas económicas para eliminar el desempleo y la exclusión; demarcación y protección de las tierras indígenas; respeto al medio ambiente; fin de la dependencia económica y cultural de nuestros pueblos y anulación de nuestras deudas externas, dentro del espíritu del año Jubilar convocado por el Papa Juan Pablo II. Defendemos el acceso de toda la población a los derechos fundamentales: tierra, trabajo, vivienda digna, educación y salud. Nuestro grito se eleva a todos quienes son sensibles a la solidaridad y osan abrazar la utopía de un mundo sin desigualdades, sin miseria y sin exclusión, fundado en la justicia y en la libertad.

ESTE GRITO TIENE QUE ESCUCHARSE.

El Grito de los Excluidos nació en Brasil hace 5 años, en los últimos 2 años se extendió a todo el continente.

Informe Human Rights Watch sobre violaciones de los derechos fundamentales de los trabajadores en EE.UU

Recibimos una nota de **Lance Compa** (autor del informe Human Rights Watch) la comunicación que un nuevo informe de Human Rights Watch sobre las violaciones de los derechos fundamentales de los trabajadores en EE.UU está disponible en Internet. El informe completo en ingles de mas de 200 paginas esta en www.hrw.org/reports/2000/uslabor.

Una versión abreviada en español esta en www.hrw.org/spanish/informes/2000/index/htm.

[regresar](#)

